

A PECUÁRIA EM RONDÔNIA E O MODELO DE CHAYANOV

João Carlos Herrmann¹

RESUMO: Este artigo tem como objetivo realizar uma breve discussão com relação a concentração da pecuária nas pequenas propriedades rurais de Rondônia. Tida no senso comum como uma atividade de grandes produtores rurais, teve seu real significado revelado no Senso Agropecuário realizado pelo IBGE em 1995/96, quando se demonstrou uma elevada concentração de bovinos nas pequenas e médias propriedades rurais de Rondônia. A interpretação destes dados a luz do modelo de Chayanov, o qual explica a lógica econômica da pequena propriedade rural a partir da penosidade do trabalho, busca demonstrar a necessidade de maiores estudos com relação e este e a outros modelos, que levem a compreensão da racionalidade do pequeno produtor rural de Rondônia. É a partir desta compreensão que efetivamente poderão ser estabelecidas políticas agrícolas públicas eficientes e que levem a uma maior produtividade e melhoria da qualidade de vida do pequeno produtor.

PALAVRAS-CHAVE: Rondônia, pequeno produtor rural, pecuária, modelo de desenvolvimento, Chayanov.

ABSTRACT: This article has as objective accomplishes an abbreviation discussion with relationship the concentration of the livestock in the small rural properties of Rondônia. Had in the common sense as an activity of great rural producers, he/she had your Real meaning revealed in the Agricultural Sense accomplished by IBGE in 1995/96, when a high concentration was demonstrated of bovine in the small ones and averages rural properties of Rondônia. The interpretation of these data the light of the model of Chayanov, which explains the economical logic of the small rural property starting from the penosidade of the work, search to demonstrate the need of larger studies with relationship and this and the other models, that take the understanding of the rationality of the small rural producer of Rondônia. It is starting from this understanding that indeed can be established public agricultural politics efficient and that take to a larger productivity and improvement of the quality of life of the small producer.

KEYWORD: Rondônia, small rural producer, livestock, development model, Chayanov.

Introdução

¹ Geólogo, Perito Criminal com especialização em Geografia, em Análise Ambiental e em Segurança Pública, mestrando do curso de Desenvolvimento Regional da Universidade Federal de Rondônia – UNIR.

O presente artigo trata da questão da pecuária em Rondônia, especialmente no que se refere ao pequeno produtor rural, utilizando como ferramenta de discussão o modelo proposto por Chayanov para explicar a forma de produção da unidade familiar rural e, a partir deste, entender o processo de tomada de decisão que leva a introdução do gado nesta unidade.

Contrariando ao senso comum, em que gado é negócio de grande produtor rural, verifica-se, como demonstram as estatísticas e especialmente o último Senso Agropecuário de Rondônia (IBGE, 1996), que sua concentração maior se dá em pequenas propriedades:

“Finalmente, em 1995-1996 as atividades de pecuária bovina de Rondônia se desenvolveram em estabelecimento de todos os tamanhos, mas com acentuada concentração nos pequenos e médios. Assim, em 31/07/96, do total de 3,9 milhões de bovinos do Estado, 1,8 milhão se encontravam nos estabelecimentos de 10 a menos de 100 ha (31,3 mil estabelecimentos), e 1,3 milhão em estabelecimentos de 100 a menos de 1.000 ha (3,9 mil estabelecimentos). A elevada concentração de bovinos em unidades pequenas indica que muitos colonos e ocupantes de terra diversificaram as atividades em seus lotes, incluindo com destaque, a pecuária bovina” (p. 39).

A introdução e concentração da pecuária nas pequenas e médias propriedades rurais apresenta aparentemente um contra-senso, uma vez que esta atividade exige áreas extensas de pastagens, em geral uma cabeça de gado por hectare, justamente onde o grande fator limitante é o tamanho da propriedade. Em se tratando de uma atividade com limite claro de expansão (o da propriedade) e com exigência de grandes espaços que não estão disponíveis, a sua viabilidade fica desde logo comprometida, restando então descobrir qual a lógica que leva a tomada de decisão pelo pequeno produtor de investir em pecuária, sendo este o objeto de discussão do presente artigo.

Os modelos:

O comportamento camponês² vem sendo objeto de estudo e de revoluções desde os primórdios da modernidade e mesmo antes dela. O feudalismo e

² Usa-se a designação camponês para tratar as diversas formas de produção familiar no agrário, conforme definido por Costa (1994). Embora reconhecendo a origem européia do termo “camponês” como família trabalhadora rural tradicional participante de uma sociedade de interconhecimento relativamente autônoma, não mais existente para o “agricultor” - família trabalhadora rural participante da sociedade industrial moderna dependente 100% do mercado -, entende, para o caso brasileiro e amazônico, não produtivo o estabelecimento

posteriormente o capitalismo, exerceram forte pressão sobre o campesinato, cada um a seu tempo, imprimindo características peculiares a este modo de produção.

O surgimento do capitalismo no século XVIII como modo de produção dominante, que se impôs aos demais de maneira avassaladora, provocou intensas mudanças no campesinato, principalmente no que se refere a forma de produção agrícola. No entanto, não conseguiu se impor sobre o campesinato da mesma forma como se impôs sobre o meio urbano. Na tentativa de explicar esta diferença, surgiram inúmeros modelos que tratam da forma de produção camponesa e suas conseqüências.

Alguns destes modelos se baseiam no estudo das opções econômicas do campesinato, podendo-se ressaltar três modelos significativos a respeito do assunto: O de Theodore Schultz (1964/1965), segundo o qual não existe diferenciação entre o modo de produção camponês e a empresa moderna; Lipton (1968) interpreta que o camponês não busca o lucro, mas a aversão ao risco e Mellor (1963), Senn (1966) e Nakagima (1969) retomam Chayanov e o problema da especificidade da tomada de decisão na unidade produtiva camponesa (Abramovay, 1991).

Como a tomada de decisão de investimento em pecuária não envolve diretamente a questão do lucro, devido a sua baixa rentabilidade, nem tão pouco a aversão ao risco, pois estamos em região em que os fatores naturais atuam de maneira mais intensa sobre o gado, propõe-se discutir este assunto em base ao modelo de Chayanov e a especificidade do processo de tomada de decisão.

Chayanov e o processo de tomada de decisão:

Segunda Chayanov, existe um balanço lógico na relação trabalho-consumo dentro da unidade camponesa. Esta relação não segue a lógica capitalista no seu contexto mais formal, mas sim segue uma lógica própria, instituída e gerada a partir das condições vigentes no meio camponês e na produção familiar. O processo de escolha econômica: produzir, quando, quanto e o que produzir, por exemplo, são fatores determinantes da lógica camponesa e resultam de uma racionalidade³² própria, a qual nem sempre se enquadra dentro da lógica capitalista ou urbana.

de uma distinção radical e de uma ruptura genética entre camponeses tradicionais e outras forma de produção familiar no agrário.

³ A racionalidade camponesa, conforme definido por Wolf (1978, apud Costa 1994), "trata de um tipo de adaptação, uma combinação de atitudes e atividades destinadas a sustentar o cultivador em sua

Esta última, passa pela troca de trabalho por dinheiro e este por consumo, organizada em base ao trabalho individual. A lógica camponesa implica em troca, pelo menos parcial, diretamente do trabalho por consumo, pois o pequeno produtor produz diretamente parte do que consome, estando organizado em base ao trabalho familiar. “A relação entre as necessidades de consumo da família e o trabalho necessário a que sejam atingidas é a base para o estabelecimento de um *equilíbrio microeconômico* em torno do qual o campesinato se define” (Abramovay, op. cit, p. 91).

A fusão entre a unidade de produção e a de consumo, é uma das características do campesinato e neste modelo há uma correlação direta entre o volume da produção e o número de elementos da família, sendo que a decisão de produção é tomada diretamente em função da penosidade do trabalho. Esta racionalidade objetiva sobretudo maximizar a única variável da produção que está diretamente sob controle do agricultor, que é a intensidade de trabalho.

“Enquanto as necessidades básicas da família não forem atingidas, haverá disposição para um grande sacrifício em trabalho – embora com retorno econômico muito baixo. Uma vez alcançadas estas necessidades elementares, a estimativa feita em torno da utilidade de bens adicionais cai e aumenta a aversão à penosidade do trabalho (Abramovay, op. cit, p. 91).” O investimento, dentro desta unidade produtiva familiar, se justifica essencialmente como um elemento de redução da penosidade do trabalho.

A inserção da pecuária na pequena propriedade:

O Senso Agropecuário realizado pelo IBGE entre 1995 e 1996 mostrou uma concentração da pecuária nas pequenas e médias propriedades rurais, presumivelmente àquelas em que se tem atividade de agricultura familiar. Do total de 3,9 milhões de bovinos do Estado, 1,8 milhão se encontravam nos estabelecimentos de 10 a menos de 100 ha (31,3 mil estabelecimentos) e 1,3 milhão em estabelecimentos de 100 a menos de 1.000 ha (3,9 mil estabelecimentos).

luta pela sobrevivência individual e de toda a sua espécie dentro de uma ordem social que o ameaça de extinção”. Ou como esclarecido por Costa (1994), constitui-se “das categorias e suas relações que explicam a condição de permanência ou de fracasso das estruturas camponesas – quer dizer, sua sustentabilidade – como um estado dinâmico de ações e reações adaptativas, que conformam estratégias reprodutivas das unidades frente a condições que lhes colocam os processos reprodutivos da sociedade global na qual se inserem”.

A idéia de agricultura familiar nestas pequenas propriedades é corroborada no mesmo senso, quando este mostra que 80,6 % das propriedades rurais tinham o próprio proprietário como responsável pela sua exploração, percentual que representa 62,5% da área total explorada do Estado. O restante das propriedades, tem como responsáveis por sua exploração arrendatários, ocupantes e administradores, sendo que estes últimos se concentram nas propriedades de grandes dimensões.

Neste mesmo ano, o total de área ocupada por pastagens plantadas somava 2.578.700 hectares e o ocupado por lavouras somava 432.308 hectares, gerando uma renda total de R\$ 334,2 milhões. Deste total, 53,9% advinha da produção animal e 46,1% da produção vegetal. Assim sendo e no ano de 1995, mesmo considerando que toda a produção animal advinha da pecuária bovina (não considerando os suínos e aves), a renda em hectares da pecuária somava R\$ 69,85, enquanto que da produção vegetal foi de R\$ 356,36 por hectare (considerou-se também que toda a renda tenha provido da agricultura, não sendo separada a atividade madeireira).

O baixo rendimento da pecuária em relação a atividade agrícola em geral, aliado a falta de área para expansão, que determina um pequeno número de animais e a baixa disponibilidade de mão de obra, dividida com as demais atividades necessárias a sobrevivência da unidade familiar, corrobora o aparente contra-senso desta atividade em pequenas propriedades.

A pecuária e o modelo de Chayanov:

A busca de uma explicação para a introdução da pecuária como forma de exploração da pequena propriedade rural em Rondônia, leva a uma leitura e interpretação da realidade local em base ao modelo proposto por Chayanov, em que o processo de tomada de decisão de produção se relaciona diretamente com a penosidade do trabalho.

A pecuária, como forma de exploração, tem como uma de suas características ocupar grandes áreas com baixa utilização de mão de obra. Daí advém uma das principais críticas à atividade, a qual promove a expulsão do pequeno produtor do meio rural através de sua expansão e incorporação de novas áreas, bem como do baixo nível de emprego fornecido.

A baixa utilização de mão de obra talvez seja exatamente o grande atrativo e a justificativa para a reprodução da pecuária na pequena produtor rural, onde a mão de obra é limitada, assim como a capacidade de contratação de mão de obra externa assalariada. Há que se considerar ainda a questão da penosidade do trabalho, não só relacionada a sua intensidade, mas ao tipo de trabalho, lembrando que a exigência física do pastoreio é menor que a da enxada, arado ou colheita.

Assim sendo e ao que parece, a racionalidade que está levando os pequenos produtores rurais de Rondônia a “diversificaram as atividades em seus lotes” optando pela implantação da pecuária, conforme apontado pelo IBGE, é a introdução de uma atividade que consuma baixa mão de obra, conseqüentemente pouco penosa. A baixa rentabilidade da atividade é compensada pela baixa penosidade, o que a torna atrativa dentro da lógica vigente no meio do pequeno produtor.

Outros fatores também devem ser considerados, aliados a questão da penosidade do trabalho, tais como a criação de uma reserva de valor pelo produtor, onde ele aplica eventuais rendas extras obtidas com a atividade agrícola, a falta de acesso a estabelecimentos bancários onde ele possa guardar estas eventuais rendas e a fácil comercialização do gado. Observa-se ainda que a renda investida em gado é remunerada, seja pelo acréscimo de peso nos animais de corte, seja pela reprodução e/ou produção de leite nos animais de cria.

Conclusão

A discussão aqui realizada, embora extremamente superficial, demonstra a possibilidade e a necessidade de se estudar a concentração da pecuária nas pequenas propriedades rurais em Rondônia, através dos vários modelos que tentam explicar a sua economia. No presente artigo, utilizou-se do modelo de Chayanov, o qual por certo não esgota o assunto, nem tão pouco elimina a possibilidade de aplicação de outros modelos.

A compreensão da lógica no qual se baseia o pequeno produtor ao tomar sua decisão de produção, se faz necessário não só pelo seu interesse acadêmico, mas sobretudo para a implementação de políticas agrícolas coerentes e que levem efetivamente a melhoria da qualidade de vida do pequeno produtor rural. “Não se pode implementar políticas de modernização da agricultura sem a compreensão dos

fatores que presidem a tomada de decisão por parte dos agricultores (Abramovay, op. cit, p. 81).

Tais políticas devem sair da esfera puramente economicista derivada da visão “bancária” de agricultura, para uma esfera mais real, que encontre respaldo em atos e intenções do pequeno produtor rural, que se aproveitem de sua cultura e do seu modo de ser para propiciar acesso à renda e, conseqüentemente, para promover a melhoria de sua qualidade de vida.

Referências bibliográficas

ABRAMOVAY, Ricardo. A microeconomia do comportamento camponês. *In: Paradigmas do capitalismo agrário em questão*. São Paulo: Hucitec, 1991. p. 79 – 97.

BRASIL. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. *Censo agropecuário de Rondônia: 1995 – 1996*. Rio de Janeiro: IBGE, 1996. 184 p.

COSTA, Francisco de Assis. *Racionalidade camponesa e sustentabilidade*. Paper do NAEA, 1994.